



Lançamento do livro “Reflexões em tempos de Pandemia - Discurso Setúbal

Sendo esta a última das quatro apresentações que planeei para o meu mais recente livro, realizadas no espaço de apenas duas semanas, o que me “obrigou” a percorrer centenas de quilómetros e a visitar outras tantas cidades do nosso País, começaria por agradecer a todas as entidades que as tornaram possíveis, das quais destacaria a OM, a CMS, a editora ByTheBook, as casas Poças Júnior e Ermelinda de Freitas, a revisora de textos, Benedita Rolo e a empresa gráfica Grafisol, e, por fim, a todos os que nelas participaram e que constam nos convites e cartazes produzidos para a sua divulgação, tal como ao meu estimadíssimo colega e amigo Barros Veloso e aos músicos que abrilhantaram a primeira delas, que se realizou em Lisboa. Contudo, deverei destacar, acima de tudo e de todos, a minha colega Fátima Caeiro Taborda, companheira desta verdadeira epopeia nas três primeiras cerimónias, pois apresentou o livro idealizado em conjunto com seu falecido esposo, o meu grande amigo e colega, João Taborda, o mais conceituado médico-fotógrafo que jamais conheci, cuja enorme humildade de carácter não permitiu que a sua genialidade fosse mais divulgada e conhecida como mereceria e cuja história está no meu livro, a par de alguns dos seus extraordinários registos fotográficos que convido os leitores a apreciarem devidamente.

Na presidência desta Mesa estão duas importantes personalidades, a saber: o recém-eleito Presidente da CMS, Dr. André Martins, a quem desejo os maiores êxitos na sua inalienável missão de defender

condignamente os legítimos interesses dos seus munícipes, e, o Presidente do Distrito Médico de Setúbal, meu colega e amigo, Daniel Travancinha, médico e cirurgião, a quem agradeço penhoradamente toda a solidariedade para com o denominado Movimento dos Diretores de Serviço do CHS que encetou recentemente um conjunto de iniciativas que visam chamar a atenção para e importância decisiva da melhoria da qualidade na formação das novas gerações de médicos e, sobretudo, de mais dignas condições de trabalho dos profissionais do setor e de tratamento dos nossos doentes. A apresentar propriamente o livro, convidei Frei Miguel, uma grande especialista em turismo religioso com quem já tive o grato prazer de viajar por terras bíblicas, e, o meu colega e amigo, Paulino Pereira, médico, cirurgião e escritor reconhecido que muito prezo.

Feitos estes agradecimentos e apresentações, começaria por enfatizar que é uma pura coincidência a feitura e apresentação deste livro e o já referido Movimento que liderei até certa altura, o que não equivale, de todo, a dizer que os seus propósitos nada têm a ver um com o outro, porque, são, como se constatará, completamente coincidentes.

Assim, começaria por dar ênfase aquilo que, para mim, é a missão verdadeira do Médico. Se alguém pensar que se fica “apenas” pelo adequado diagnóstico e tratamento das doenças que afetarem o seu doente, direi que está completamente enganado. Se lhe acrescentarmos o vital respeito pelas normas da ética e da deontologia médicas, não poderei estar mais de acordo, mas a verdade é que o considero, ainda, largamente insuficiente. Se lhes juntarmos os atributos da empatia, da comiseração e da preocupação pelo conhecimento das condicionantes psicológicas e sociais do doente e do seu entorno familiar e profissional, direi que estaremos bastante mais próximos do ideal, mas, mesmo assim, será insuficiente.

Perante um inesperado cataclismo biológico como aquele que atingiu de chofre milhares de cidadãos deste concelho e do seu distrito (tal como do resto do País, e, mesmo, de todo o Mundo), que provocou a morte precoce de centenas deles num curto espaço de tempo, que deixou outros tantos com sequelas incapacitantes que se prolongam por semanas, meses, ou, quiçá, mesmo, para sempre, que esteve na origem de um incomensurável sofrimento físico e psicológico de quem pela infeção foi

contaminado, tal como pelos muitos que se viram impedidos de se poderem condignamente tratar, padecentes de outras doenças, ou dos seus conviventes, familiares e amigos, que inviabilizou definitivamente centenas de empresas outrora florescentes ou simplesmente equilibradas em termos gestonários, bem como atirou literalmente para a pobreza um sem número de cidadãos e de famílias, para além de provocar uma avassalador *burnout* num número incontável de profissionais, quer ao nível da saúde pública, quer dos cuidados primários ou dos que se prestam no meio hospitalar, com nefastas consequências que ainda estão por contabilizar com clareza e cujos efeitos destrutivos se irão prolongar por muito tempo, não havia como ficar indiferente!!!

Como abster-me de dar voz a quem esteve dias-a-fio sentado numa cadeira rodeado por dezenas e dezenas de outros cidadãos nas mesmas circunstâncias, todos paralisados pelo medo do contágio ou da morte que deles se abeirava, porque percecionavam intuitivamente que não havia forma de todos poderem ser acudidos ao mesmo tempo e de receberem a atenção que deveria ser dada a cada um? Como não ficar completamente estupefacto e profundamente amargurado perante alguém que, no acme de um momento do mais puro desespero, como contei no texto intitulado *“Linguagem eufemística em tempos de catástrofe”* me pediu para assinar a sua própria alta hospitalar, porque, disse, “convictamente”, preferir ir “morrer” para casa, do que estar ali “internado” naquelas circunstâncias?

Pergunto: Não será esta, talvez, a última missão que um médico jamais poderá resistir a ser investido, quando todos os cuidados próprios da medicina moderna colapsam à sua frente? Muitos dirão, considero que com razoável pertinência, que não se pode semear gratuitamente o pânico das populações em tais contextos. Por isso, deixei o texto intitulado *“Vida e morte em tempo de pandemia: uma ode em estilo de homenagem aos que, durante o seu curso, sofreram, pereceram e sobreviveram”* que dediquei a alguns dos doentes e colegas que fui acompanhando em situações muitíssimo dramáticas e cuja publicação foi autorizada por todos os envolvidos ou pelos seus representantes legais (no caso dos falecidos, bem entendido), e, ainda, submetida à imprescindível avaliação do Conselho de Ética da OM, que incluí em primeira mão neste livro, quando a pandemia já está, graças à vacinação, longe do grande dramatismo verificado nos dois primeiros meses do

corrente ano, porque considero completamente impossível de não o fazer perante o tribunal da minha consciência e a opinião unânime dos envolvidos.

Não para julgar ou condenar gratuitamente seja quem for, mas antes de tudo, numa genuína atitude pedagógica e de exercício de cidadania interventiva e independente que jamais abdicarei fazer, chamando respeitosa e corajosamente a atenção para as graves omissões e contradições que poderiam ter atenuado, de certa forma, aquilo que foi esmagadoramente sentido com profunda incomodidade pelos protagonistas daqueles episódios. Porque, considero que assim proceder, quando se trata da problemática da saúde e da doença em contexto de verdadeira catástrofe, é ser-se Médico de corpo inteiro. E que, ou o somos dessa forma, ou a nossa missão fica inapelavelmente amputada e incompleta. É este o âmago do livro que irá ser apresentado em breve pelos meus dois convidados e é esse o espírito que pretendo transmitir aos seus leitores. Para que jamais se esqueça.

Foi precisamente por ser conseqüente com este estar na Medicina que, no início da Pandemia, escrevi aos meus doentes uma missiva que coleí à porta da Unidade de Ambulatório do Serviço que dirijo no CHS, tal como no meu consultório privado, onde dizia textualmente, tal como consta no livro: *“Quería comunicar-vos, com o coração bem apertado, mas com muita lucidez e determinação que, por imperativo de força maior, terei de deixar de vos receber em consulta, como sempre o fiz desde que terminei a minha especialização, já lá vão mais de trinta anos. Esta atividade, certamente uma das mais nobres que um médico pode desempenhar, só poderá ser interrompida, quando algo se torna, ainda, muito mais importante. Para mim. Para vocês. Para TODOS.*

Assim, terei que passar a estar integralmente disponível para uma nova e muito absorvente tarefa de enorme responsabilidade: Coordenar a Comissão de Contingência do meu hospital no combate à CoVID-19, causada pela infeção pelo vírus denominado de SARS-CoV-2, batalha que não se pode, de modo algum, perder. Esta terrível pandemia mundial, irá começar a atingir proporções crescentes e com conseqüências dramáticas para muitos cidadãos do nosso País, o que exige que, à semelhança dos exércitos em tempos de guerra, o general vá ter de desempenhar as

funções do soldado raso do seu batalhão. É o que vai acontecer comigo a partir da próxima 2ª Fª, dia 16 de março.

Irei passar a estar totalmente absorvido em tarefas de coordenação e, nalguns sábados, a tratar os doentes infetados por aquele vírus. Passada esta tormenta, que ninguém é capaz de antever quanto tempo irá durar, tudo voltará à “normalidade”. Retomarei as consultas, quer no Hospital, quer no Consultório, bem como tudo o resto que é usual fazer. É fundamental que todos acreditem que isso é possível. Eu, e, vocês. Mesmo sabendo que, na realidade, tal pode, eventualmente, não vir a acontecer para alguns de nós, como se tem passado por esse mundo fora com muitas centenas de cidadãos, em especial no seio dos profissionais de saúde”.

Por tudo isto, dedico esta cerimónia a todos os doentes atingidos por esta terrível infeção, e, aos que, por terror psicológico compreensível, preferiram deixar de recorrer aos serviços de saúde, na tentativa de evitarem ficar contaminados, mesmo com eventual risco de vida, assim como a todos os profissionais de saúde que, esquecendo-se de si próprios, fizeram com que do seu extremo cansaço brotasse uma torrente de energia anímica em prol da saúde do próximo. Neste sentido, permitam-me que destaque naturalmente a pessoa da minha esposa e colega, Ana Mendes, que, mesmo quando infetada e sempre que lhe sobrava alguma réstia de força física e psicológica, nunca deixou de acompanhar diariamente dezenas e dezenas de doentes, agarrada ao computador ou ao telefone, a tranquilizar os mais assustados, ou a convencer os mais enfermos a irem para o Hospital, mesmo no dia em que, bastante sintomática, estive prestes a ter de a internar no Serviço que dirijo, e que, por ser um exemplo de dedicação aos seus doentes e à sua missão de médica de corpo inteiro, não pode hoje estar aqui presente, porque indo acompanhar-me num período de férias que se inicia daqui a pouco, esteve que ficar hoje de serviço na USF onde trabalha, uma vez que os recursos humanos são cada vez mais exíguos no SNS. Exemplo que, sei e verifiquei, felizmente, não ter sido raro ou excecional durante estes longos meses de angústia e de sofrimento por que atravessámos.

A terminar, assumir aqui um solene compromisso perante vós. O de publicar um outro livro, certamente o próximo, acerca da dramática asfixia que remonta há décadas, quer ao nível do SNS, quer do CHS, quer do próprio Serviço que aí dirijo, para que jamais alguém venha dizer que

não foi devidamente alertado para as consequências dramáticas destes lamentáveis factos, porque essa será, uma vez mais, o eventual ónus de assumir a missão de ser médico de corpo inteiro.

Setúbal, 2021/11/19, José MD Poças